

JAMES MCNEIL ATENDEU o telefone, achando que devia ser alguém da Universidade do Estado do Arizona. Foi logo depois das 16h do dia 11 de fevereiro de 1997, e o aluno do 2º Grau acabara de manifestar a intenção de freqüentar aquela escola no outono.

– Alô – disse o franzino garoto de 17 anos com a voz mais madura possível.

– John subiu no poste de luz – avisou um vizinho preocupado.

Oh, não!, pensou, enquanto desligava. Correu até o quintal da casa em Mesa, Arizona. Como muitas crianças autistas, o irmão de 10 anos não tinha medo nem noção de perigo. Subia em qualquer coisa, se tivesse oportunidade. Embora com pavor de altura, James várias vezes tirara John do telhado, sem olhar para o chão lá embaixo.

James e John sempre tiveram ligação especial. Quan-

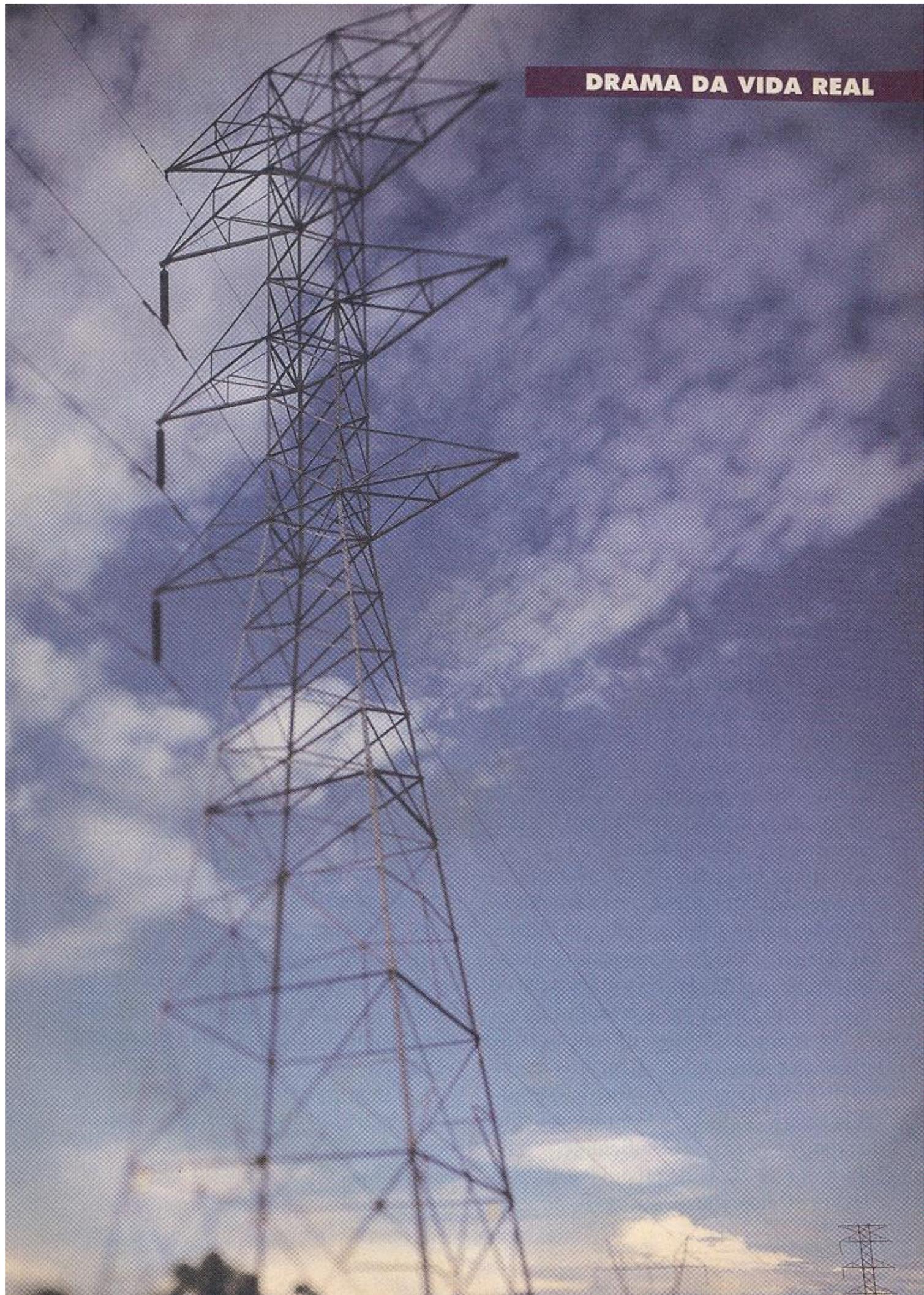
Vencendo o medo de altura, James subiu na torre de energia



Ajuda de irmão

WILLIAM M. HENDRYX

DRAMA DA VIDA REAL



do bem pequeno, o mais novo freqüentemente subia no ombro do mais velho. Para John, era puro leite. Para James, maneira de controlar as agitadas andanças do irmão. Nos últimos anos, passavam horas juntos, a mão de James sobre a de John, ensinando-o com paciência a manipular os controles do *video game* – grande façanha para uma criança autista.

Nos últimos três anos, James sacrificara atividades extracurriculares para poder tomar conta de John até que os pais, Byron e Sandra, chegassem do trabalho. Era um preço que pagava de boa vontade. O que faltava a John em termos de desenvolvimento era compensado de outras maneiras. Ele trouxera carinho especial ao lar dos McNeil.

Uma vez transposta a porta de correr dos fundos, James avistou John empoleirado a mais de três metros, sentado na primeira barra horizontal da torre elétrica de 37 metros de altura, atrás da casa.

Os pés, só de meias, balançavam, como se ele não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

– John, desça daí! – gritou James.

Embora John fosse verbalmente limitado, James sabia que ele entendera. Mas o garoto subiu ainda mais, a quase 6 metros do chão. Parecia ter certeza de que o irmão mais velho o seguiria.

As mãos de James suavam quando ele se deparou com a estrutura cinzenta da torre. Dos quatro braços estendidos saíam poderosos condutores, fornecendo energia suficiente para iluminar a cidade de 60 mil habitantes.

James agarrou a barra de suporte

diagonal para chegar à lisa e estreita armação. Esticando o pescoço, viu John subindo para chegar à parte superior da torre. Pinos de dez centímetros eram usados pelo pessoal da companhia de luz para percorrer todo o caminho até o topo. *Por favor, John, pare!*

Naquele exato momento, James ouviu uma voz lá embaixo.

– John, desça!

Agarrando o aço frio, obrigou-se a olhar para baixo pela primeira vez. A cabeça girou quando viu a irmã mais velha, Joy, rosto preocupado, 17 metros abaixo de si.

Joy sentia-se frustrada e impotente vendo os dois irmãos subirem. Sabia que eles tinham de descer antes que escurecesse, mas também sabia que James nunca desceria sem John.

– Por favor, pare! – gritou mais uma vez.

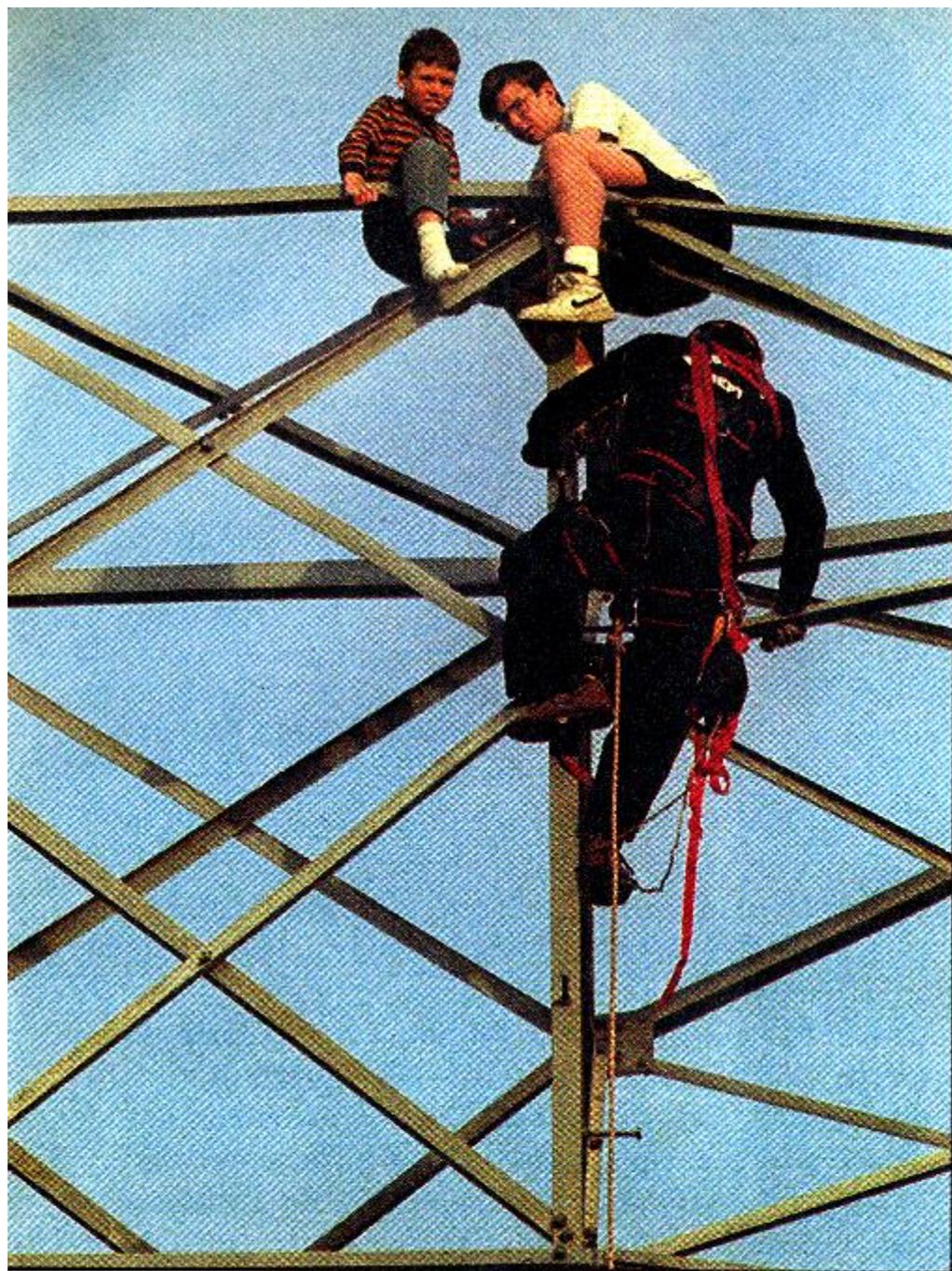
Entrou em casa correndo para chamar a emergência.

De novo, James olhou para baixo. John continuava a subir. Ignorando o estômago embrulhado, James atingiu o pino seguinte. Seus tênis enormes ficavam para fora dos pinos. *Um escorregão e... Nem pense nisso*, ordenou a si mesmo. *Só siga em frente.*

A 27 metros do chão, James passara pela primeira seção de uma linha de transmissão. Ouvia a eletricidade correndo pelos grossos fios isolados nas imediações. Parecia o som de um vespeiro.

Quando se aproximava do alto da torre, seu *short* prendeu num dos pinos, puxando-o para o lado. James soltou-se, mas o pé balançou ao pisar no pino seguinte.





Aguardando o resgate, James McNeil segura firme o pulso do irmão John no alto da torre

Depois de alguns momentos tensos, ele ergueu-se até a barra transversal – a 37 metros do chão, na altura de um prédio de 12 andares. John estava calmamente sentado na viga de oito centímetros. Olhou o irmão mais velho como se dissesse: *Por que veio até aqui?*

Com a mão direita, James agarrou o pulso esquerdo de John com força.

– Venha – chamou.

Movendo-se com cuidado, avançou

AJUDA DE IRMÃO

em direção à barra transversal e sentou-se junto ao irmão, prendendo as pernas em volta do suporte diagonal abaixo. Por milagre, ambos haviam chegado ao topo sem cair ou ser eletrocutados. A probabilidade de descerem sem nenhum incidente era mínima. *Temos de ficar aqui parados, pensou. O socorro logo chegará.*

O desafio era impedir John de fazer algum movimento súbito. Sem algo especial como os desenhos dos *Power Rangers* para ocupá-lo, John raramente ficava sentado e parado por muito tempo.

Doze andares abaixo, as sombras se alongavam cada vez mais. A visão fazia a cabeça de James rodar. Ele fechava os olhos e agarrava o

irmão com toda a força que podia.

A POLÍCIA DE MESA chegou ao local às 16h25. Fora chamada por Joy McNeil, agora aflita.

– Aqueles são meus irmãos! – gritou. – Por favor, ajude-os!

Nesse instante, ouviu-se um ruído clamoroso: *tuac-tuac-tuac*. Seis helicópteros de reportagens rondavam o local, ávidos por acontecimentos pal-

pitantes. John acenou com a mão direita em excitação.

– Não, John! Fique parado! – gritou James, apertando o pulso esquerdo do irmão, enquanto as equipes de reportagem transmitiam o espetáculo ao vivo.

TRINTA E DOIS quilômetros a leste, Jim Green e a companhia de luz Projeto Salt River terminavam um trabalho e se preparavam para voltar a Mesa quando o rádio soou. Eles foram informados de que os dois garotos estavam no alto de uma torre de transmissão. O homem de 50 anos de idade sentiu um nó na garganta.

– Estamos indo para lá! – comunicou pelo rádio.

A única maneira *segura* de descer os garotos era com o Condor – caminhão altamente especializado com um guindaste de 46 metros. Green ligou para a garagem de manutenção. Felizmente, o Condor estava por perto.

– Encontraremos vocês no local – disse Green ao mecânico.

TERRY SELF ESTAVA em casa após encerrar o turno de trabalho no Corpo de Bombeiros de Mesa. Nervoso com o noticiário das cinco horas, o pai de três filhos ficou aturdido pela altura em que os dois irmãos se encontravam na torre de eletricidade. Imediatamente, vestiu o macacão à prova de fogo e saiu.

No percurso de oito minutos de carro, o atarracado chefe da Equipe de Resgate Técnico analisou as opções. A prioridade seria chegar até os garotos e prendê-los à estrutura. Depois, tentaria pô-los no chão, o que seria arriscado entre as escoras emaranhadas.

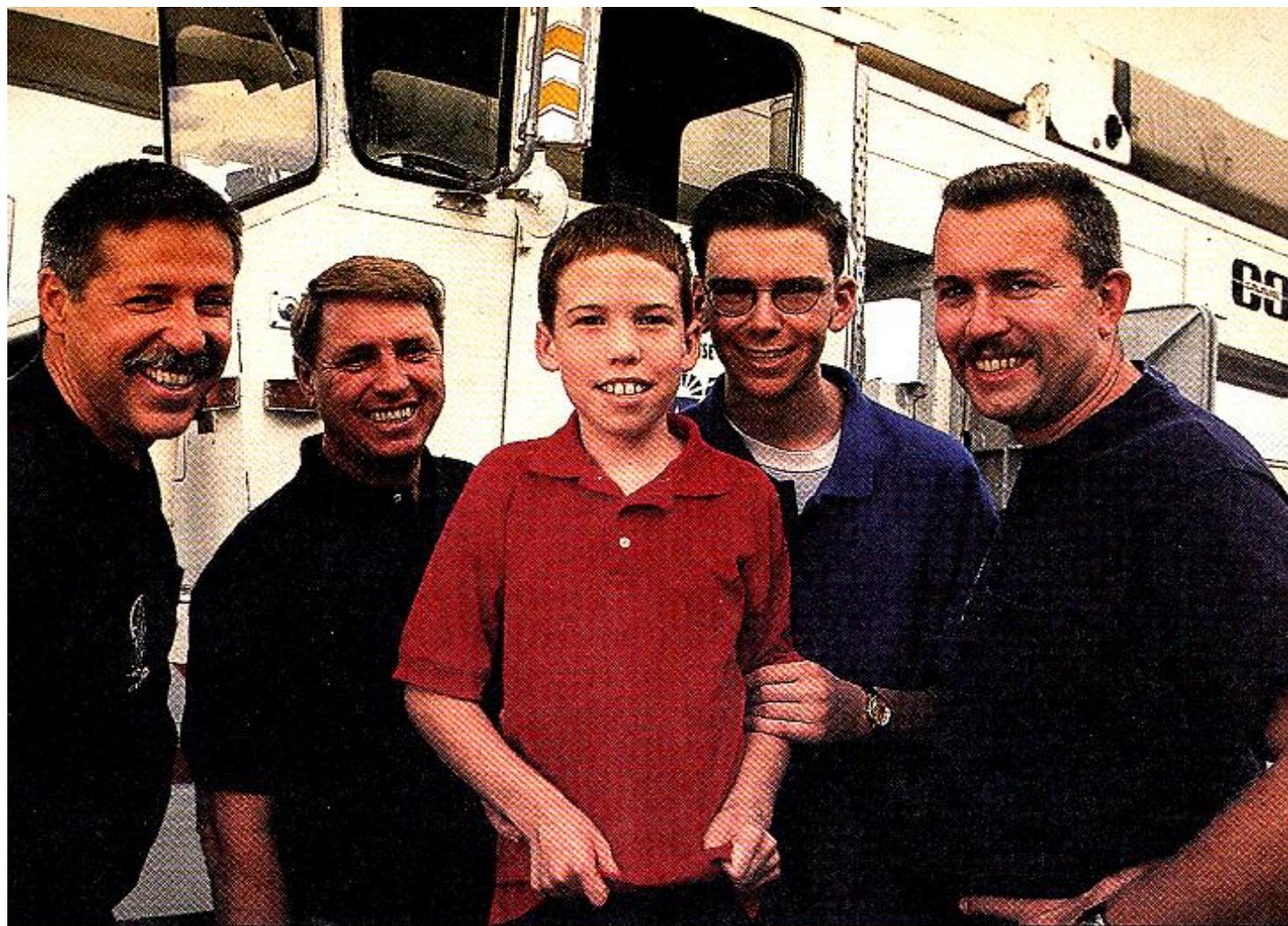
No local, Self avistou o colega Jeff Mitchell em meio aos espectadores aglomerados na base da torre. Sem saber que o Condor estava a caminho, Mitchell preparava-se para erguer a escada de mais de 30 metros do carro de bombeiro a cerca de 21 metros de altura – logo abaixo da primeira linha de transmissão – para depois subir até os garotos.

Self e Mitchell entraram no carro de bombeiro e começaram a subir. Anos antes, Mitchell fora chamado numa situação semelhante. Um empregado da companhia de luz trabalhava com tempo úmido – e a energia desligada – quando uma descarga elétrica espontânea o matou, deixando o corpo escurecido pendurado a 30 metros de altura. Agora, o técnico de resgate de 31 anos preocupava-se com que seus dois filhos pequenos pudessem estar assistindo ao noticiário da televisão ao vivo. Não queria que as crianças vissem o pai eletrocutado.

Na subida, os dois homens receberam um chamado pelo rádio avisando-os de que um dos jovens era autista e hiperativo. Self balançou a cabeça. O filho de um grande amigo era autista. O garoto nunca se sentava quieto cinco segundos. *E se a criança começar a se alterar comigo?*, pensou.

NO ALTO DA TORRE, James mantinha absoluto controle do pulso do irmão. Eram cerca de 17h30 e a energia agora estava desligada, mas o crescente circo armado em cima e embaixo dele aumentava o grau de excitação de John.

Para distrair o irmão e acalmar-se, James cantou seu cântico preferido até



De volta ao solo, os garotos posam ao lado de Self, Green e Mitchell

não ter mais voz. “Sou filho de Deus, e Ele me mandou aqui; Ele me deu um lar, com pais carinhosos e queridos.”

ENQUANTO O CONDOR se movia com dificuldade no trânsito congestionado, Self, experiente montanhista, lutava para subir a torre. Não era como as montanhas que costumava escalar: onde quer que olhasse, não via nada a não ser o ar. E o chão. E carga elétrica residual suficiente para ferir ou até matar alguém. *Tenho de pegar os garotos!*, pensou, impulsionando para escalar mais rápido.

Minutos depois, Self chegava à viga onde eles estavam sentados. Olhando nos olhos azuis de John, perguntou:

– Como estão, garotos?

– Bem – respondeu James. – Até agora.

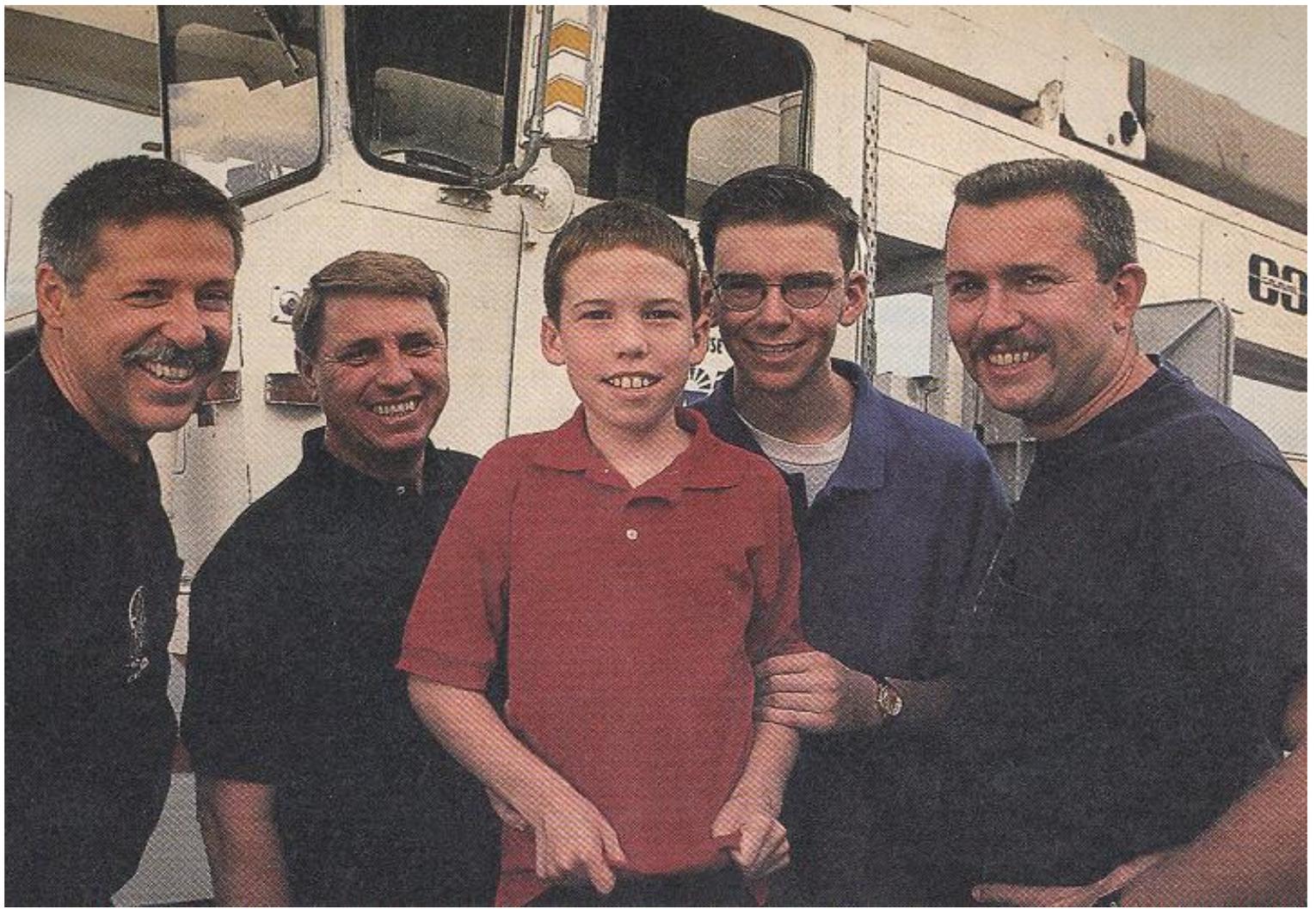
Self deslizou entre os irmãos. James parecia rígido de medo. Entretanto, a mão e o olhar permaneciam fixos no pulso do irmão.

Self armou uma escora e a prendeu a John, amarrando o garoto a si próprio e à viga. Depois fez o mesmo com James.

– Prendi vocês agora – disse. – Ninguém vai cair.

Com Self posicionado, Mitchell – o corpo envolto em cordas – iniciou a descida. O rádio anunciou que o Condor estava a caminho. *Quanto tempo levará?*, perguntou-se Self.

Ele conversou com os dois garotos,



explicando o procedimento e mencionando a força de quatro toneladas que as cordas podiam suportar. Self falou-lhes dos dois filhos, de 15 e 11 anos. Mas sua calma exterior desmentia a crescente ansiedade. Ele pouco sabia a respeito do Condor. E se afinal chegasse, mas não pudesse fazer o resgate? Já estaria escuro, e descer com os garotos seria impossível.

– Temos de ir – disse ao colega, agora diretamente embaixo dele.

DOZE ANDARES ABAIXO, Jim Green e sua equipe chegavam, subindo de carro na calçada para desviar da multidão de curiosos. O Condor estava bem à frente. Green viu as quatro figuras no alto da torre.

– Vamos colocar o caminhão em posição! – gritou.

Em minutos, o Condor estava pronto. Quando Green e dois de seus homens subiram na plataforma, o chefe dos bombeiros deu uma idéia:

– Será que vocês têm algum boneco dos *Power Rangers* para oferecer a John? – perguntou a Green. – A irmã contou-me que ele adora os *Power Rangers*.

Green sorriu diante da ironia: seu grupo era freqüentemente chamado de *Power Rangers*. Não havia tempo

para arranjar um brinquedo mas, durante a lenta subida, brotou-lhe na mente outra idéia.

Dois minutos depois, estava face a face com os irmãos. Olhou diretamente nos olhos do garoto autista.

– Oi, John – disse. – Somos os *Power Rangers de verdade*, e viemos resgatá-los.

Um largo sorriso iluminou o rosto de John. Depois de Green amarrar-lhe a corda de segurança, o garoto jogou-se em seus braços fortes. A multidão lá embaixo irrompeu em sonoros aplausos.

MAIS DE DUAS HORAS depois de subirem a torre, John e James foram devolvidos à mãe, que chegara do trabalho uma hora antes. O pai, voltando de uma viagem de negócios, apareceu minutos depois. Pela primeira vez, John parecia reconhecer o perigo. Foi enrolado num casaco de bombeiro e levado ao hospital, onde recebeu tratamento contra hipotermia branda.

– James fez a diferença – afirmou Terry Self. Deixou de lado o medo de altura para ajudar o irmão.

– Sim, dou muito a ele – diz James –, mas ele me oferece muito mais. Ele me dá carinho incondicional. Se sou o protetor de meu irmão? Com certeza!



Razões de segurança

UM POLICIAL DE TRÂNSITO, numa motocicleta, obrigou um carro a parar, por excesso de velocidade em auto-estrada. Quando ele chegou junto do carro, o motorista foi logo dizendo:

– Ora, seu guarda, como é que eu podia frear se o senhor estava colado em mim, correndo tanto?

Citado por Bob Levey, em *Washington Post*